



APRESENTAÇÃO - RACIALIZAR, GENERIFICAR E CLASSIFICAR: NOVOS MOVIMENTOS TEÓRICO-CRÍTICOS NOS ESTUDOS DAS LITERATURAS ANGLÓFONAS

Christiane Fontinha de Alcantara

ROR Arizona State University
✉ cfontinh@asu.edu



Felipe Fanuel Xavier Rodrigues

ROR Universidade do Estado do Rio de Janeiro
✉ felipe.fanuel.rodrigues@uerj.br



Martha Julia Martins

ROR Universidade Federal de Roraima
✉ marthajumartins@gmail.com



As pesquisas contemporâneas interessadas nas literaturas de língua inglesa estão marcadas pela ascensão de novas perspectivas teóricas que fundamentam os estudos literários, proporcionando formas inovadoras de (re)pensar os textos em suas interrelações com seus contextos, lidos como múltiplos e diversos. Como detectou Gayatri Spivak em sua obra seminal *Death of a Discipline*, a pesquisa literária comparativa “tem procurado se renovar” sobretudo “em resposta à crescente onda de multiculturalismo e estudos culturais” (2003, p. 01). Dessas transformações teórico-críticas eclodem princípios e conceitos que apontam variadas estratégias e metodologias para o escrutínio da literatura na contemporaneidade, tal como revelam os estudos culturais, decoloniais, desconstrutivistas, étnicos, feministas, de gênero e sexualidade, marxistas, pós-coloniais, pós-modernos, entre outras tendências.

Os processos de descolonização e o fim da era europeia (1492-1945) contribuíram para a eclosão das agências históricas dos sujeitos que, durante mais de quatro séculos, foram sistematicamente oprimidos, degradados, explorados e marginalizados pelos sistemas de poder identificados como brancos e masculinos. Para Edward Said, a epistemologia desse imperialismo do homem branco possui em seu cerne “a tese absolutamente rígida de que todos são, principal e irrefutavelmente, membros de alguma raça ou categoria” (Said, 1998, p. 160). As raízes desse conceito de raça remontam ao Iluminismo, cuja ontologia de subpessoas e desrespeito racial estabeleceu as estruturas intelectuais e culturais para a criação de um sistema escravocrata que transformou “a história do mundo” em “uma história da supremacia branca” (Mills, 1998, p. 75). A leitura dessa história obscura da chamada Era das Luzes está disponível nos dezesseis ensaios setecentistas, escritos em francês e latim, que, na tentativa de lançar luz sobre a origem da pessoa negra, deram à

luz o racismo antinegro ocidental, como se observa em uma edição moderna desses textos (Gates, Jr. e Curran, p. 2022).

Considerando que “a cultura e suas formas estéticas derivam da experiência histórica” (Said, 2011, p. 24), os estudos contemporâneos das literaturas de língua inglesa estão munidos de uma ampla gama de paradigmas críticos que desvelam a ética da estética, o contexto do texto e a política da crítica. Em prefácio à obra de Frantz Fanon *Os Condenados da Terra*, Jean-Paul Sartre admitiu o que poucos intelectuais brancos seriam capazes de afirmar: “Nossas belas almas são racistas” (Fanon, 2006, p. 38). A persistente ausência dessa autocrítica do homem branco não apenas adia um movimento de reparação histórica — trata-se de um “litígio”, lembra Achille Mbembe (2017, p. 63) — como também corrompe os ideais democráticos professados, limitando o potencial da própria democracia com a manutenção de hierarquias raciais (West, 2004). As vozes teóricas que contribuíram para o avanço de críticas antiessencialistas na pesquisa literária incluem pensadores de localidades e lugares de fala não hegemônicos que impactam diretamente as reflexões sobre literaturas anglófonas, entre os quais encontram-se Homi Bhabha, Judith Butler, Frantz Fanon, bell hooks, Henry Louis Gates, Jr., Gayatri Spivak, Stuart Hall, Edward Said, Eleanor Taylor e Edouard Glissant.

Os estudos das interrelações de raça, gênero e classe transitam por diversas fronteiras disciplinares, acolhendo abordagens múltiplas e permitindo um exame minucioso das literaturas sob lentes antiessencialistas, com o foco ajustado para as questões étnicas, sexuais, econômicas e raciais. A literatura de autoras como Audre Lorde, June Jordan e Alice Walker tem sido crucial nesse contexto, com obras que desafiam e reconfiguram as narrativas dominantes ao (re)inscrever vivências e trajetórias de mulheres negras. Esse movimento de interseccionalidade, que liga as questões de raça, gênero e classe, tem sido ampliado e aprofundado por teóricos como Kimberlé Crenshaw, que introduziu a noção de interseccionalidade em 1989, e mais recentemente por Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021), que exploram seu caráter dinâmico e complexo. No entanto, Tommy Curry, em *The Man-Not*, reinterpreta a masculinidade negra, argumentando que a perspectiva interseccional não consegue captar as formas específicas de opressão vivenciadas pelos homens negros, cuja experiência é moldada pelo racismo estrutural, e não apenas pela categorização de gênero (Curry, 2017).

Este dossiê contribui para os debates em curso sobre críticas antiessencialistas e antirracistas, ao mapear as interrelações identitárias nas literaturas anglófonas e explorar como as questões de raça, gênero e classe são retratadas nas narrativas contemporâneas. Para entender a complexidade das negociações de identidades na contemporaneidade, os artigos apresentados nesta edição se voltam para os conflitos inter, intra e transculturais, e para a busca por justiça social tal como materializados nos textos literários.

A análise entrecruzada desses três eixos identitários possibilita a descentralização do pensamento teórico-crítico por meio de comparações entre as experiências de grupos diversos, além do estudo das inter e intra-relações entre esses grupos, que abrangem experiências de vida distintas. Os artigos que seguem investigam as estruturas sociais e os sistemas de poder subjacentes às narrativas individuais e coletivas, que cerceiam subjetividades.

O artigo “Literaturas africanas de expressão em língua inglesa e algumas formas de autoinscrição” examina como mulheres africanas se autoinscrevem e se expressam por meio de diversos gêneros literários, com ênfase na escritora somali-britânica Nadifa Mohamed. Através da análise da obra de Mohamed, percebe-se como a autora desafia a simplificação das experiências africanas. Em vez de reduzir as vivências de suas personagens a uma narrativa homogênea e monolítica, Mohamed tece histórias que refletem a multiplicidade de vozes e identidades dentro da África e de suas diásporas. Nesse contexto, a pesquisa sublinha a importância de considerar as intersecções de raça, gênero e pertencimento na construção da subjetividade feminina africana, especialmente quando exposta ao impacto da diáspora e dos conflitos geopolíticos contemporâneos. O estudo também analisa o livro *Somalia – The Untold Story: The War Through the Eyes of Somali Women*, de Judith Gardner e Judy El Bushra, destacando como o gênero testemunhal permite que essas mulheres africanas compartilhem suas experiências de maneira mais rica e complexa. Ao trazer à tona vozes que muitas vezes são marginalizadas ou silenciadas em narrativas dominantes, o gênero testemunhal fornece uma forma de resistência e afirmação, possibilitando uma reconfiguração das identidades e subjetividades femininas em relação às experiências traumáticas de guerra e deslocamento.

Dessa maneira, “Formas de Autoinscrição” amplia a compreensão de como as mulheres africanas — em suas variadas localizações e contextos históricos — podem reescrever suas histórias e se autoinscrever de maneiras inovadoras. O artigo também destaca a importância de reconhecer as experiências diaspóricas como parte fundamental da construção das identidades contemporâneas, especialmente dentro de um cenário global em que as questões de deslocamento, resistência e recuperação de histórias não contadas são cada vez mais urgentes.

Por sua vez, o artigo “Memory as Belonging: Existential Concretization in *The Truth About Me: A Hijra Life Story* de A. Revathi”, explora as questões de memória, resistência e pertencimento em textos autobiográficos, com foco na obra de A. Revathi, que aborda as experiências de um sujeito marginalizado, buscando uma existência autêntica através da reconstrução da memória. A obra de Revathi, ao narrar sua vivência como uma mulher hijra (termo usado para se referir a pessoas transgênero e intersexuais no contexto sul-asiático), oferece uma perspectiva única sobre as formas de resistência às

normas sociais, especialmente no que se refere à construção das identidades de gênero e à luta por pertencimento em um mundo que marginaliza a diversidade sexual. A análise considera teóricos como Maurice Halbwachs e Michael Pollak, propondo que a memória não seja apenas uma reconstrução do passado, mas uma ferramenta vital para a afirmação da identidade. Nesse sentido, a memória se torna um espaço de resistência, onde o sujeito marginalizado pode reescrever sua história, não mais como um ser relegado à invisibilidade ou subordinação, mas como um indivíduo capaz de reivindicar sua humanidade e dignidade, enfrentando as forças de opressão que tentam definir e limitar sua existência.

Este artigo destaca como a memória é central na construção e afirmação de identidades não hegemônicas e examina as vivências de uma mulher hijra e suas lutas por pertencimento, ampliando assim a discussão sobre as formas como as identidades de gênero e as questões de sexualidade estão profundamente entrelaçadas com as dinâmicas sociais, culturais e políticas. A pesquisa também reflete a importância da literatura autobiográfica como um veículo de resistência e auto-afirmação, sobretudo em contextos nos quais a identidade de gênero é constantemente desafiada e negada.

Já o artigo “‘Tão Negro Que é Azul’: Análise Semiótica de *Poor Miss Finch* (1872), de Wilkie Collins”, realiza uma análise semiótica das relações raciais na obra de Collins, investigando as dinâmicas de poder e racismo entre os personagens, em particular a protagonista, Lucilla Finch. Usando o Percurso Gerativo de Sentido Semiótico de Greimas, o estudo contextualiza a obra dentro do período colonial e imperialista britânico, particularmente nas relações entre a Inglaterra e a Índia durante a Revolta do Índigo (1859-1862), revelando como o racismo estrutural da época é refletido e internalizado pelos personagens, especialmente Lucilla. Apesar de ser cega, Lucilla mantém um conjunto de crenças racistas profundamente arraigadas, que são desafiadas e questionadas ao se apaixonar por Oscar, um homem de pele escura. A conclusão do estudo sugere que a superação do preconceito de Lucilla, ao final da narrativa, pode ser lida como uma metáfora para a possível superação das crenças racistas na sociedade britânica imperialista. Ao analisar como o racismo estrutural e as crenças racistas operam em uma narrativa do século XIX, o artigo proporciona uma reflexão sobre a persistência e a transformação dessas estruturas de poder, que continuam a moldar as identidades e as relações sociais. Ao refletir as tensões raciais da época, a obra de Collins serve como um exemplo clássico de como a literatura pode evidenciar as práticas discriminatórias, ao mesmo tempo que oferece um espaço para questionar e desafiar tais construções ideológicas.

Ao focar no processo de desconstrução do preconceito de Lucilla, o artigo também se insere na discussão mais ampla sobre como a literatura de diferentes períodos históricos pode, de maneira simbólica, refletir as lutas por identidade e resistência contra

as hierarquias raciais e de gênero. A análise semiótica das crenças de Lucilla também abre uma porta para entender como as representações literárias de indivíduos que se confrontam com suas próprias limitações (como o racismo internalizado) podem servir como uma metáfora para a superação das opressões que perpetuam divisões sociais. Dessa maneira, a obra de Collins oferece uma reflexão sobre a possibilidade de transformação de atitudes preconceituosas e discriminatórias dentro de um contexto social maior. A leitura crítica de *Poor Miss Finch* não só ilustra a tensão racial e as dinâmicas de poder no período colonial britânico, mas também contribui para uma reflexão sobre como a literatura serve como um campo fértil para questionar e reimaginar as estruturas de poder que definem as identidades de raça, classe e gênero, e como essas questões continuam a ressoar na literatura contemporânea.

O artigo “Pertencimento e Coisificação em *Adua* de Igiaba Scego”, analisa o romance *Adua* (2018) da escritora italiana de ascendência somali. O romance narra a jornada de uma imigrante somali na Itália dos anos 1970. Sua personagem principal, Adua, migra para a Europa com o desejo de tornar-se famosa, mas, após sofrer abusos, se vê diante do dilema de pertencimento a um novo lugar enquanto é constantemente coisificada pelas relações de poder que a marginalizam. O estudo propõe uma reflexão crítica sobre as dinâmicas de pertencimento e coisificação, analisando como esses processos não apenas envolvem questões de identidade individual e coletiva, mas também refletem as relações sociais da pós-modernidade, particularmente no contexto das migrações e das opressões de gênero e raça. A história de Adua ilustra como as questões de pertencimento e coisificação operam nas vidas de imigrantes, especialmente mulheres negras, que são constantemente reduzidas a objetos nas narrativas dominantes, sendo tratadas como “outras” em relação aos padrões da sociedade europeia. A coisificação aqui se manifesta tanto no sentido literal, como na transformação de Adua em um ser submisso e objetificado pelas relações de poder estabelecidas, quanto no sentido simbólico, em que sua identidade e agência são negadas em razão da sua raça, origem e gênero.

Ao refletir sobre essas questões no contexto das migrações contemporâneas, o artigo também dialoga com as questões de gênero e racialidade na sociedade pós-moderna, onde mulheres migrantes frequentemente enfrentam um processo de alienação, sendo desconectadas das suas origens, e simultaneamente marginalizadas no novo espaço em que tentam se inserir. A análise do dilema de pertencimento de Adua, que tenta se afirmar em uma sociedade que a rejeita, ilumina as complexas relações de exclusão e subordinação que marcam a vida de imigrantes e refugiadas, especialmente no contexto da opressão de gênero e racial.

Além disso, o estudo das dinâmicas de coisificação e pertencimento em *Adua* amplia a discussão sobre como as identidades são negociadas e ressignificadas diante de

forças estruturais opressivas. A experiência de Adua se torna um reflexo das dificuldades que mulheres negras e imigrantes enfrentam na busca por reconhecimento, validação e uma existência autêntica, desafiando as representações simplistas de suas identidades enquanto objetos ou símbolos. Nesse sentido, o artigo oferece uma importante contribuição ao mostrar como a literatura de imigração e decolonial lida com questões de resistência e reinvenção da identidade frente à coisificação e à negação do pertencimento.

O ensaio “Histórias sobre plantas e animais: poder e representação do mundo natural na contística de Doris Lessing” investiga as representações do mundo natural nos contos de Doris Lessing, destacando como a autora explora a dialética entre natureza e cultura. Através da análise de narradores e personagens, o estudo examina como questões como misoginia, racismo e exploração se interligam com a representação do mundo natural nas obras de Lessing, sugerindo que suas histórias refletem a tensão entre o mundo africano e o europeu, marcada por subordinação, dominação e afeto.

Com sua abordagem sutil e multifacetada, Doris Lessing expõe como o racismo e a misoginia não são apenas construções sociais, mas também forças operantes na configuração da natureza humana e das relações de poder. A autora tece, assim, uma narrativa que, ao refletir sobre a opressão e a exploração, ao mesmo tempo ilumina os caminhos para o questionamento das estruturas coloniais que impõem identidades fixas e limitadas. Nesse sentido, o artigo amplia a compreensão de como os textos literários contemporâneos, como os de Lessing, podem ser lidos como espaços de resistência e reconfiguração de identidades, onde as questões de gênero e raça são fundamentais para se pensar as relações de poder em diferentes contextos culturais.

Ao investigar a maneira como a natureza é usada simbolicamente para refletir as tensões entre o império europeu e as culturas africanas, o artigo também aprofunda a ideia central deste dossiê de que a literatura pode oferecer uma crítica poderosa às estruturas históricas de opressão que atravessam as questões de raça, gênero e classe, propondo novas formas de pensar a identidade e a experiência humana.

O artigo “Medo, Homossociabilidade e Frustração em *Native Son*” debruça-se sobre o medo e a violência no romance de Richard Wright, *Native Son*, para discutir a construção da masculinidade negra em um contexto de segregação racial. O trabalho oferece uma leitura crítica da primeira parte do romance, intitulada *Fear*, sob a ótica dos estudos sobre masculinidades negras. Através da percepção de um mundo negro e um mundo branco, o estudo explora como o medo do protagonista, Bigger Thomas, se manifesta em atos violentos aparentemente ilógicos, mas que são centrais para sua construção enquanto homem e indivíduo na sociedade segregada de Chicago na década de 1930. A pesquisa também investiga a homossociabilidade entre homens negros como uma forma de reafirmação de masculinidades em um espaço dominado pela opressão racial,

contrapondo a uma lógica de masculinidade hipermasculina, violenta e disfuncional. Além disso, o artigo examina a frustração de Bigger diante de um mundo branco que lhe impõe uma realidade antinegra e que impossibilita a realização de suas expectativas de identidade e poder.

A leitura proposta por esse artigo explora as múltiplas dimensões de identidade, raça e gênero, especialmente no que se refere à construção da masculinidade negra sob um sistema de racismo estrutural. A análise do medo e da violência que atravessam a experiência de Bigger Thomas evidencia como as intersecções de raça e gênero são fundamentais para entender as lutas internas e externas dos indivíduos marginalizados. A masculinidade negra, em *Native Son*, é construída em reação ao racismo sistêmico e ao abandono social, onde o medo de ser desumanizado pela sociedade branca se traduz em uma busca desesperada por afirmar seu valor através da violência e do confronto.

O estudo da homosociabilidade, isto é, a socialização dos homens negros entre si em um espaço segregado, ilustra como esses indivíduos buscam resgatar e reafirmar suas identidades masculinas em um contexto de exclusão. No entanto, ao fazer isso, eles entram em conflito com uma visão mais ampla da masculinidade imposta pelo racismo estrutural, que os condena a um ciclo de violência, frustração e impotência. Essa análise de masculinidades no romance de Wright aponta para a complexidade das dinâmicas de poder e identidade dentro de uma estrutura social onde a opressão racial não só limita as opções de ação de homens negros, mas também distorce as formas como suas masculinidades podem ser expressas de maneira autêntica e saudável.

Além disso, a frustração de Bigger Thomas frente à impossibilidade de alcançar as expectativas de um mundo branco pouco receptivo ressoa com as questões de pertencimento e coisificação presentes no livro. O fato de Bigger não ser capaz de realizar suas aspirações de autonomia e sucesso dentro da sociedade branca destaca a desumanização que caracteriza a experiência de indivíduos negros, especialmente homens negros, no contexto da segregação racial. O artigo sugere que essa frustração, alimentada pela limitação das possibilidades sociais e pelo racismo institucional, é uma chave para entender os comportamentos de violência de Bigger, que se tornam uma tentativa de recuperar um senso de poder e agência em uma realidade que lhe nega ambos. Ao examinar a tensão entre a masculinidade negra e a sociedade branca, o artigo revela como os homens negros enfrentam um dilema existencial diante das estruturas sociais opressivas, onde o medo e a frustração se tornam forças motrizes de suas ações e identidades.

Por sua vez, “Uni-Duni-Tê: no jogo dos escolhidos, Nikky Finney mostra quem é deixado para trás” realiza uma análise da situação histórico-social da população negra nos Estados Unidos a partir do poema narrativo *Left*, da escritora afro-americana Nikky

Finney. A obra, que se inspira na devastação causada pelo furacão Katrina em Nova Orleans em 2005, denuncia a negligência e a falta de ação do governo federal diante do sofrimento de grande parte da população local, majoritariamente negra, após o desastre natural. O poema, com seu tom de protesto, leva o leitor a refletir sobre a desigualdade racial no acesso à ajuda e à proteção governamental, evidenciando como a crise exacerbada pela catástrofe revela uma brutal realidade de racismo estrutural. A partir da obra de Finney, o artigo sugere que a devastação do furacão Katrina não é apenas um evento natural, mas também uma tragédia social e racial, onde a cor da pele determina quem é “escolhido” para ser protegido e quem é “deixado para trás”. Ao focar na população negra, o artigo sublinha como a literatura de Finney questiona as desigualdades estruturais da sociedade americana, que, apesar de se autodenominar democrática, perpetua disparidades profundas entre os diferentes grupos raciais e econômicos.

Ademais, em *Left*, a invisibilidade e o abandono de uma população racializada se tornam símbolos de uma hierarquia racial que segue sendo mantida, mesmo em tempos de crise, em uma sociedade que se declara igualitária. Desta forma, “Uni-Duni-Tê” amplia a reflexão sobre como as identidades raciais, e em especial as identidades negras, são moldadas e comprometidas pelas desigualdades e injustiças sistêmicas. Finney, ao utilizar a poesia como uma ferramenta de resistência e protesto, desafia as narrativas dominantes que apagam ou negligenciam a experiência das populações negras, dando voz aos marginalizados e convocando a reflexão sobre um sistema que falha em proteger os mais vulneráveis.

Ao conectar o poema de Finney com questões sociais mais amplas, o artigo não só manifesta as dinâmicas raciais e de classe que influenciam as respostas do governo aos desastres, mas também integra essas discussões dentro do panorama mais amplo de injustiça racial e de gênero. Ao examinar as palavras e as imagens criadas por Finney, o artigo faz um convite à reflexão crítica sobre a realidade histórica e contemporânea da população negra nos Estados Unidos, reafirmando o compromisso da literatura como um campo essencial para o ativismo e a busca por justiça social.

O artigo “Transgredindo as Fronteiras: *Nem Virgem, nem La Llorona, nem La Chingada*. Literatura Latina de Jovens Adultos” analisa as protagonistas das obras *I’m Not Your Perfect Mexican Daughter* (2017) de Erika Sánchez, e *Gabi, a Girl in Pieces* (2014) de Isabel Quintero, duas narrativas centradas em jovens latinas da primeira geração, filhas de imigrantes mexicanos nos Estados Unidos. As personagens Julia Reyes e Gabi Hernandez compartilham a experiência de viver o último ano do ensino médio, um período de intensas transições, no qual enfrentam um duplo padrão de expectativas que surge tanto da sociedade estadunidense quanto da cultura mexicana tradicional. Utilizando a tríade materna chicana de Gloria Anzaldúa apresentada em *Borderlands* (1987), a pesquisa

examina como essas jovens subvertem as imagens tradicionais das mulheres na cultura mexicana, tais como as figuras de “virgem”, “La Llorona” e “La Chingada”, e como suas trajetórias de crescimento e resistência desafiam as normas pré-estabelecidas.

Desta forma, o artigo se insere na discussão mais ampla sobre as representações de jovens latinas na literatura contemporânea, destacando a *Young Adult Literature* como um campo fértil para a construção de um contracânone que oferece novas narrativas de identidade e resistência para populações diversas nos Estados Unidos. Ao focar nas trajetórias de Julia e Gabi, o estudo não apenas ilustra as pressões culturais e sociais que essas personagens enfrentam, mas também como elas rompem com as expectativas e normas de gênero, raça e classe. A análise da construção de identidade destas jovens destaca como suas histórias questionam as narrativas dominantes e oferecem alternativas de crescimento e empoderamento para a juventude latina contemporânea nos Estados Unidos.

Esta reflexão sobre as personagens de Sánchez e Quintero amplia o entendimento de como a literatura jovem pode atuar como um espaço de resistência, reconfigurando as representações das mulheres latinas e oferecendo novas possibilidades para as gerações futuras, ao mesmo tempo que contribui para um diálogo mais amplo sobre as questões de gênero, raça e classe nos Estados Unidos.

O artigo “Imanência e Dissidência: Elinor e Marianne como Representações do Feminino, em *Razão e Sensibilidade*, de Jane Austen” realiza uma análise comparativa entre as duas protagonistas do romance *Razão e Sensibilidade* (2014), de Jane Austen, a partir da crítica literária feminista e do feminismo político. O artigo propõe que Elinor Dashwood e Marianne Dashwood, as duas irmãs centrais da narrativa, representam facetas opostas do feminino em um contexto histórico marcado por rígidas normas de classe e gênero na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX. Elinor, a mais racional e reservada das duas, encarna a figura da mulher submissa e idealizada como o “Anjo do Lar”, personificando o papel tradicionalmente imposto à mulher na sociedade patriarcal: o papel de cuidadora, esposa e mãe, que aceita e se submete às estruturas sociais e políticas vigentes, não questionando os limites impostos ao seu corpo e seu espaço. Em contraste, Marianne, a mais impulsiva e emotiva, simboliza a dissidência feminista, desafiando abertamente essas mesmas convenções sociais. Sua natureza rebelde e suas ações que questionam a instituição do casamento e as normas de comportamento feminino revelam a busca por uma liberdade individual, assim como a recusa a aceitar a opressão. A análise reflete a interseção entre gênero e classe, observando como o papel das mulheres era rigidamente definido não apenas pelo sexo, mas também pela sua posição social, com as mulheres de classes mais baixas tendo ainda menos margem para agir ou questionar as normas.

Além disso, o artigo se apropria de uma perspectiva crítica, interpretando a construção das personagens como um reflexo das tensões e da subordinação feminina no contexto de uma sociedade patriarcal que estrutura as relações de poder, privilegiando a classe dominante, em detrimento das mulheres. A pesquisa se baseia em autoras fundamentais para a crítica feminista, como Simone de Beauvoir, Kate Millett, Virginia Woolf, entre outras, propondo uma leitura indutiva e crítica que examina como Austen constrói uma narrativa que, ao mesmo tempo em que reflete a aceitação da ordem vigente, também oferece uma forma sutil de resistência através da personagem de Marianne. Ao refletir sobre a resistência e submissão feminina em Austen, o artigo contribui para a compreensão de como as normas de gênero e classe se entrelaçam e definem o espaço social das mulheres, especialmente dentro das dinâmicas de poder de um período histórico específico.

Por sua vez, o artigo “Ecofeminismo e Resistência Discursiva na Poesia de Maya Angelou” propõe uma leitura crítica da obra poética de Maya Angelou, especialmente dos poemas “África” e “Minha culpa”, presentes em *Poesia Completa* (2020). O artigo investiga como Angelou utiliza sua poesia para tecer uma reflexão profunda sobre as intersecções de raça, gênero e classe, em um contexto marcado pela violência colonial, o racismo estrutural e o machismo opressor. A partir da perspectiva do ecofeminismo, a análise propõe que, ao falar de África como um espaço de origem e ao abordar a questão da culpa pessoal e coletiva, Angelou não apenas denuncia a opressão histórica, mas também ressignifica as narrativas sobre identidade, feminilidade e resistência.

Em “África”, a poetisa evoca o continente africano como uma metáfora para a mulher negra, subjugada pela história do colonialismo e pela exploração de seus corpos e territórios. Já “Minha culpa” explora as consequências do racismo internalizado e do patriarcado, questionando a responsabilidade pessoal e coletiva diante das injustiças estruturais. Ao explorar a resistência discursiva presente na obra de Angelou, o artigo destaca como a poeta articula uma crítica poderosa às formas de opressão vividas pelas mulheres negras, inserindo-as dentro de um movimento de resistência que atravessa o ecofeminismo. Essa resistência, portanto, não se limita ao discurso contra o patriarcado, mas se estende à luta contra o racismo, o colonialismo e a exploração ambiental, apontando para a conexão intrínseca entre a opressão das mulheres e a degradação do meio ambiente, como abordado por autoras como Gaard, hooks e Soares.

A análise apresentada em “Ecofeminismo” propõe que Angelou utiliza a poesia como uma forma de subverter os discursos hegemônicos, desconstruindo as imagens tradicionais e opressivas da mulher negra e, ao mesmo tempo, reivindicando sua autonomia e protagonismo, tanto como mulher quanto como representante de um legado cultural e histórico. Em última análise, o estudo revela como a poesia de Angelou, ao

dialogar com o ecofeminismo e a resistência discursiva, oferece uma crítica contundente às injustiças sociais, enquanto promove uma reflexão sobre a relação entre gênero, classe e raça nas estruturas de poder. A partir dessa leitura, o artigo oferece uma importante contribuição ao debate sobre como a literatura pode ser um espaço para a subversão das narrativas dominantes, desafiando as concepções tradicionais sobre a mulher negra e sua luta por reconhecimento e liberdade.

Em suma, essas obras literárias, conforme alertou Said, “não são meros textos” (Said, 1998, 165), mas reflexões vivas sobre as complexas interações entre identidade e poder, que continuam a influenciar as dinâmicas sociais contemporâneas. Ao explorarem diferentes dimensões das questões de raça, classe e gênero, esses trabalhos oferecem uma análise crítica e profunda das literaturas anglófonas e contribuem para uma melhor compreensão de como as literaturas de língua inglesa podem desafiar e reconfigurar as estruturas de poder que moldam as subjetividades no mundo moderno. As leituras críticas sobre formas de identidade, opressão e resistência evidenciam como sujeitos historicamente marginalizados — mulheres africanas, pessoas transgênero hijra, imigrantes negras, homens negros em contextos segregacionistas, mulheres lésbicas, jovens latinas e comunidades racializadas — são inscritos na arte literária com o intuito de questionar e reescrever narrativas dominantes. Assim, a literatura, afetada pelas desigualdades estruturais e interseccionalidades de raça, gênero e classe, também afeta essas estruturas ao racializar, generificar e classificar (con)textos da língua inglesa, ampliando as possibilidades de interpretação e transformação das relações de poder.

REFERÊNCIAS

ANGELOU, Maya. **Poesia completa**. Trad. Lubi Prates. Bauru, São Paulo: Astral Cultural, 2020.

AUSTEN, Jane. **Razão e Sensibilidade**. Tradução e Notas: Adriana Sales Zardini. São Paulo: Editora Landmark, 2014.

COLLINS, Patricia H.; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Trad. Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

COLLINS, Wilkie. **Poor Miss Finch**. United Kingdom: Delph Classics, 2017.

CURRY, Tommy J. **The Man-Not: Race, Class, Genre, and the Dilemmas of Black Manhood**. Philadelphia: Temple University Press, 2017.

FINNEY, Nikky. “Left”. In: FINNEY, Nikky. **Head off & Split**. Illinois: Northwestern University Press, 2011.

GATES, Jr.; CURRAN, Andrew S (eds). **Who's Black and Why?: A Hidden Chapter from the Eighteenth-Century Invention of Race**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2022.

MBEMBE, A. **Crítica da Razão Negra**. Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.

MILLS, Charles W. **Blackness Visible: Essays on Philosophy and Race**. Ithaca: Cornell University Press, 1998.

RAMPERSARD, Arnold (ed.). **Richard Wright: Early Works**. New York: Library of America, 1991. p. 443-850.

REVATHI, A. **The Truth about Me: A Hijra Life Story**. Translated by V. Geetha, New Delhi: Penguin Books, 2010.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SAID, Edward W. The Politics of Knowledge. In: DAVIS, Robert C.; SHLEIFER, Ronald (eds.). **Contemporary Literary Criticism: Literary and Cultural Studies**. 4a ed. New York: Longman, 157-165.

SAYID, A. Testimony 2: Amina Sayid. In: BUSHRA, J.; GARDNER, J. el. (Ed.). **Somalia – the Untold Story: the war through the eyes of somali women**. London: Pluto Press, 2004. p. 59-67.

SCEGO, I. **Adua**. Trad. Francesca Cricelli. São Paulo: Editora Nós, 2018.

SMITH, Barbara (ed.). **Home Girls: A Black Feminist Anthology**. Edição de 40º aniversário. New Brunswick: Rutgers University Press, 2023.

SPIVAK, Gayatri C. **Death of a Discipline**. New York: Columbia University Press, 2003.

WEST, Cornel. **Democracy Matters**. Londres: Penguin, 2004.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

LITERATURAS AFRICANAS DE EXPRESSÃO EM LÍNGUA INGLESA E ALGUMAS FORMAS DE AUTOINSCRIÇÃO

Valeria Silva de Oliveira

MEMORY AS BELONGING: EXISTENTIAL CONCRETIZATION IN *THE TRUTH ABOUT ME: A HIJRA LIFE STORY* DE A. REVATHI

Natália Galdino de Souza

Ana Lilia Carvalho Rocha

“TÃO NEGRO QUE É AZUL”: ANÁLISE SEMIÓTICA DE *POOR MISS FINCH* (1872), DE WILKIE COLLINS

Yasmine Sthéfane Louro da Silva

Diana Barreto Costa

PERTENCIMENTO E COISIFICAÇÃO EM *ADUA* DE IGIABA SCEGO

Tiago Miguel Chiapinotto

Anselmo Peres Alós

HISTÓRIAS SOBRE PLANTAS E ANIMAIS: PODER E REPRESENTAÇÃO DO MUNDO NATURAL NA CONTÍSTICA DE DORIS LESSING

Manfred Rommel Pontes Viana Mourão

MEDO, HOMOSOCIABILIDADE E FRUSTRAÇÃO EM *NATIVE SON*

Douglas Pereira Diniz

UNI-DUNI-TÊ: NO JOGO DOS ESCOLHIDOS, NIKKY FINNEY MOSTRA QUEM É DEIXADO PARA TRÁS

Adriana Jordão

Liciane Guimarães Corrêa

TRANSGREDINDO AS FRONTEIRAS: *NEM VIRGEM, NEM LA LLORONA, NEM LA CHINGADA*. LITERATURA LATINA DE JOVENS ADULTOS

Gabriela Emília Montenegro Brito

Juliana Luna Freire

Sheylla Alves

IMANÊNCIA E DISSIDÊNCIA: ELINOR E MARIANNE COMO REPRESENTAÇÕES DO FEMININO, EM *RAZÃO E SENSIBILIDADE*, DE JANE AUSTEN

Francisco Edinaldo de Pontes

Ana Flávia da Silva Oliveira

Jaqueline Vieira de Lima

ECOFEMINISMO E RESISTÊNCIA DISCURSIVA NA POESIA DE MAYA ANGELOU

Natacha dos Santos Esteves

Gabriela Fujita

Wilma dos Santos Coqueiro
